

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE TRADUÇÃO DE FLORA THOMSON-DEVEAUX E TRADUÇÃO GERADA POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Sarah Pondeli Telles¹

Jane Marian²

RESUMO

Este artigo compara a tradução de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), de Machado de Assis, realizada por Flora Thomson-DeVeaux (2020), com uma versão produzida por uma inteligência artificial (ChatGPT Plus). A investigação parte do seguinte questionamento: a inteligência artificial seria capaz de produzir uma tradução que conserve a complexidade estilística, cultural e discursiva da obra machadiana, em comparação à tradução humana? O objetivo foi analisar diferenças e convergências entre as versões a partir de quatro eixos: fidelidade ao texto fonte, escolhas lexicais, organização sintática e adaptação cultural, à luz de Nida (1964), Jakobson (1995) e Reiss e Vermeer (2014).. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa empírica, exploratória e qualitativa com base em trechos do Capítulo I da obra. Os resultados indicam que a tradução humana preserva melhor o tom arcaizante, a ironia e os efeitos retóricos, enquanto a IA privilegia a literalidade e fidelidade ao texto original, que por vezes reduz nuances estilísticas e culturais. Dessa forma, no escopo delimitado da pesquisa, capítulo escolhido, prompt neutro e versão específica da ferramenta, conclui-se que a tradução feita por inteligência artificial de obras literárias ainda não alcança a mesma capacidade de recriação estética do tradutor humano, mas a análise comparativa contribui ao oferecer um protocolo de avaliação aplicável a clássicos literários e aponta caminhos para pesquisas futuras sobre o uso responsável da IA na tradução.

Palavras-chave: Tradução literária. Machado de Assis. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Inteligência Artificial. Tradução comparada.

¹ Graduanda do oitavo período de Letras.. FAE Centro Universitário. *E-mail:* sarah.telles@mail.fae.edu

² Professora Doutora em Estudos da Tradução. FAE Centro Universitário. *E-mail:* jane.marian@fae.edu

1 INTRODUÇÃO

A tradução literária é uma atividade complexa que interpreta e recria, em diferentes idiomas e culturas, elementos como estilo, tom, ambiguidade e referências contextuais presentes nas obras. Nesse sentido, textos literários atemporais, marcados por uma escrita única e um inconfundível tom de ironia, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, impõem complexos desafios ao tradutor.

A tradução de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, realizada por Flora Thomson-DeVeaux e publicada em 2020 pela Penguin Classics, é reconhecida por sua precisão técnica e sensibilidade estética. Sua versão reconquistou o público internacional e gerou muitos comentários sobre a obra de Machado nas redes sociais. Em paralelo, os avanços recentes na área da inteligência artificial trouxeram questionamentos ao campo da tradução literária. Tradutores automáticos como o Google Tradutor, DeepL e inteligências artificiais, como o ChatGPT, são cada vez mais utilizados pelas pessoas em diversos contextos. A partir disso, há debates sobre a eficácia, a ética e os limites dessas ferramentas de tradução, sobretudo aplicadas à tradução de obras como as de Machado, que são reconhecidas por seu particular estilo de escrita. Nesse contexto, levanta-se a pergunta de pesquisa: é possível que uma inteligência artificial produza uma tradução que mantenha a complexidade estilística, cultural e discursiva de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” em comparação à tradução realizada por Flora Thomson-Deveaux?

A partir dessa problemática, o objetivo principal deste estudo é realizar uma análise comparativa entre a tradução da obra “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, realizada por Flora Thomson-DeVeaux para a editora Penguin Classics (2020), e a tradução gerada por uma ferramenta de inteligência artificial, com o intuito de analisar como cada versão lida com os aspectos de fidelidade ao texto original, escolhas lexicais, estrutura sintática e adaptação cultural. A ferramenta escolhida é o ChatGPT Plus, por ser uma ferramenta conhecida, de fácil acesso e manuseio.

Os objetivos específicos são: selecionar um capítulo de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” para a análise das escolhas tradutórias humanas e geradas por inteligência artificial; analisar a tradução de Flora Thomson-DeVeaux e suas principais estratégias tradutórias; gerar uma tradução do mesmo trecho utilizando uma ferramenta de inteligência artificial (ChatGPT Plus), observando suas estratégias de tradução; comparar as duas versões traduzidas, avaliando as principais diferenças e semelhanças nas escolhas de tradução, com foco na preservação da escrita de Machado, adequação linguística e adequação cultural e, por fim, refletir sobre as descobertas, discutindo os limites da tradução automática e o papel do tradutor humano na mediação de aspectos culturais e estilísticos de obras literárias.

O presente artigo está inserido em um campo de pesquisa recente, pois não há muitas pesquisas que comparam versões humanas e automáticas de obras literárias. Assim, com esta análise, pretende-se contribuir para os debates contemporâneos sobre o papel da inteligência artificial no processo tradutório e suas implicações para a tradução de obras literárias clássicas como “Memórias Póstumas de Brás Cubas”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESTILO DE ESCRITA DO AUTOR MACHADO DE ASSIS

O traço estilístico de escrita de Joaquim Maria Machado de Assis é estudado por diversos pesquisadores, pois suas obras são amplamente reconhecidas pelo modo singular de escrita do autor.

Segundo Costa e Teixeira (2018, p. 2), “É inegável que Machado de Assis foi um escritor realista que gostava de retratar a vida sem deixar de observar a política, a história e a sociedade de sua época.” A partir dessa afirmação, vê-se que o estilo de escrita de Machado de Assis é contextual e crítico, sua escrita descreve e questiona a realidade através dos personagens inseridos nas histórias e o contexto em que vivem.

Bosi (2007, p. 18) argumenta que “A originalidade de Machado está em ver por dentro o que o naturalismo veria de fora. Os seus tipos são e não são parecidos com os dos seus contemporâneos”, o que salienta que Machado explorava as camadas internas, subjetivas e contraditórias da mente humana, aproximando-se de uma análise moral, psicológica e filosófica das personagens, que muitas vezes são ambíguas e irônicas. Isso configura ao autor um estilo único de escrita, que cria um realismo mais voltado ao jogo de consciência e da linguagem humana.

A crítica de Machado de Assis, como observa Alfredo Bosi (2007) em seu livro “Machado de Assis: O Enigma do Olhar”, mira com precisão a elite brasileira do século XIX, mas o faz de maneira sutil, com uma ironia que observa, analisa, desmonta. Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, publicada em 1881, essa crítica ganha corpo através da figura de um narrador defunto. A perspectiva de quem já morreu permite a Machado uma liberdade de escrita que escancara o egoísmo, o tédio e a futilidade de um homem que, mesmo após a morte, continua prisioneiro de seus privilégios e ilusões. Brás Cubas narra como quem zombasse do mundo, mas sem perceber que também está rindo de si mesmo, e é aí que está a sofisticação da ironia machadiana.

Machado traça com precisão cirúrgica os gestos, as vaidades e as manias sociais de seu tempo, mas vai além: mergulha fundo na psicologia dos personagens. Essa combinação entre o olhar atento para o mundo e as facetas da alma humana é uma das marcas de sua escrita. O autor faz isso rompendo regras através do jogo com o leitor, da instabilidade do narrador e do uso frequente da metalinguagem, que criam uma literatura que não apenas conta uma história, mas reflete sobre o próprio ato de contar. Como aponta Bosi (2007), o realismo de Machado não é o da superfície visível, mas o do olhar que penetra, que vê por dentro. Seus personagens não cabem nos moldes da tipificação fácil: carregam contradições, hesitações, silêncios. São seres profundamente humanos, difíceis de decifrar.

Em seu livro, Bosi (2007) destaca o uso das figuras de linguagem na escrita de Machado, especialmente a metáfora, a tautologia e a ironia. A metáfora, em sua obra, é uma chave interpretativa. Através dela, os personagens expandem sua percepção, descobrem novas formas de ver o mundo e a si mesmos. Em contraste, a tautologia revela o limite do pensamento, a alienação, o cansaço de uma consciência que gira em falso. A ironia machadiana se constrói através de uma linha sutil entre o que é explicitamente dito e o que está implícito, o que exige do leitor uma leitura cuidadosa e crítica. Ao utilizar esse tom, Machado não se limita a provocar o riso, como também convida o leitor a refletir, desconstruindo certezas e questionando valores que eram tidos como imutáveis pela moral da sociedade de sua época.

Ao colocar essas estratégias lado a lado, Machado não apenas constrói o estilo de seus textos, mas também propõe uma reflexão sobre o modo como o sujeito se percebe no mundo. Esses recursos são estruturas fundamentais da escrita de Machado. É por meio deles que o autor constrói personagens complexos, que escapam a rótulos previsíveis e se apresentam sempre ambíguos, contraditórios, surpreendentes. São figuras que não cabem em moldes rígidos: ora provocam riso, ora despertam compaixão. Longe de idealizações, Machado não entrega ao leitor heróis íntegros ou vilões declarados, mas seres humanos em permanente construção, tentando compreender seu lugar em uma sociedade atravessada por convenções frágeis, desigualdades estruturais e aparências cuidadosamente mantidas. Como bem define E. M. Forster (2005), são personagens “redondos”, com múltiplas camadas e arestas. Por isso, vê-se que a escrita machadiana desenvolve-se na recusa em oferecer respostas conclusivas, concentrando-se na exposição de contradições humanas e sociais que permanecem presentes ao longo do tempo.

2.2 TEORIAS DA TRADUÇÃO

As teorias da tradução são essenciais no processo de análise das adaptações que foram realizadas para a língua inglesa. Tem-se como base do projeto a Teoria da Equivalência Formal e Dinâmica, de Eugene Nida (1964), que traz conceitos como a distinção entre equivalência formal e equivalência dinâmica, que permitem analisar e classificar as escolhas tradutórias envolvidas no processo de tradução.

Nida (1964) argumenta que o processo tradutório não pode se limitar apenas a uma equivalência linguística, pois envolve, necessariamente, dimensões sociais e contextuais. Ao desenvolver o conceito de “equivalência dinâmica”, o autor enfatiza que uma tradução eficaz é aquela capaz de gerar, no público-alvo da língua de chegada, um efeito comunicativo semelhante ao experimentado pelos leitores do texto original. Para tanto, Nida (1964) estabelece uma distinção fundamental entre dois modos de equivalência: a formal, que busca manter a estrutura e os elementos da língua de partida, e a dinâmica, que prioriza a resposta do receptor e a naturalidade da expressão na língua de chegada.

O autor propôs um modelo de tradução dividido em três etapas, com o objetivo de garantir uma mediação eficaz entre línguas e culturas distintas. Na primeira delas, a análise, o tradutor dedica-se a compreender profundamente o texto original, interpretando intenções, percebendo nuances e entendendo o contexto e a estrutura interna do enunciado. Em seguida, na fase de transferência, esses significados são cuidadosamente transpostos para a língua de chegada, de forma que a mensagem principal seja mantida, respeitando tanto o conteúdo quanto o efeito pretendido. Por fim, a etapa de reestruturação busca ajustar a tradução ao público-alvo da língua de chegada, considerando o uso natural da linguagem e o universo cultural dos leitores a quem se destina. Através desse modelo, Nida (1964) confere à tradução um caráter dinâmico e funcional, voltado não apenas à fidelidade formal ao texto de origem, mas também à sua recepção efetiva, colocando no centro da atividade tradutória a busca por sentido e comunicação.

Outra teoria que contribui para estas reflexões é a Teoria da Equivalência proposta por Jakobson (1995). O autor compreende a tradução como um fenômeno que vai além de trocar palavras entre línguas. Para ele, traduzir é um ato interpretativo, um processo que envolve sentidos, escolhas e contextos, não apenas códigos. Ao recusar a ideia de uma equivalência exata entre línguas, o autor destaca que toda tradução carrega, inevitavelmente, uma parcela de interpretação daquele que a faz, já que o tradutor precisa encontrar formas de transmitir significados inteiros, mesmo quando não há correspondências diretas entre os sistemas linguísticos envolvidos.

Ao afirmar que “o nível cognitivo da linguagem não só admite, mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução”, Jakobson (1995, p. 70) chama a atenção para a natureza interpretativa da linguagem. Nessa ótica, traduzir não é apenas transferir palavras de uma língua para outra, nem um exercício técnico limitado à equivalência gramatical, mas sim uma resposta às exigências do próprio pensamento humano, que organiza e expressa a experiência por meio de signos sempre passíveis de reorganização. Traduzir, portanto, implica reconstruir sentidos, ressignificar ideias, adaptar estruturas, tudo isso respeitando a integridade da mensagem original. A partir disso, esta pesquisa reflete, através da teoria de Jakobson (1995), sobre a complexidade do ato tradutório. A escolha se justifica pela compreensão de que a tradução interlinguística envolve decisões que mobilizam aspectos cognitivos, culturais e contextuais. A partir deste paralelo entre fidelidade e recriação, a pesquisa busca compreender de que maneira os sentidos preservam-se ou transformam-se ao migrarem entre diferentes línguas e universos culturais.

Além das contribuições de Jakobson (1995) e Nida (1964), no âmbito social e cultural da língua, destaca-se a Teoria de Skopos, criada por Hans Vermeer e Katharina Reiss (2014), que propõe um olhar atento à finalidade da tradução no contexto de chegada. Para Vermeer (2014), traduzir não é apenas uma questão de encontrar equivalências entre línguas, mas de atender a um propósito bem definido, seja ele comunicativo, informativo ou estético, guiado pelas necessidades do público-alvo. Reiss e Vermeer (2014) ampliam a visão sobre o papel do tradutor ao enfatizar a dimensão funcional da tradução, ele deixa de ser apenas um reproduzidor fiel à obra original e passa a assumir uma postura ativa, consciente e estratégica, atuando como elo entre culturas distintas. Sendo assim, essa abordagem funcionalista é relevante para a pesquisa, pois parte da análise se concentrará na adaptação cultural das obras nas traduções.

2.3 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E TRADUÇÃO

Segundo Caseli (2017), a Tradução Automática (TA) é uma das principais subáreas e aplicações do Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN). Entretanto, a autora observa que, apesar de mais de 70 anos de pesquisas na área, as principais estratégias propostas apresentam limitações, o que continua a fomentar estudos e avanços no campo.

Já a inteligência artificial é um novo campo que passou a ser muito utilizado para diversos comandos, inclusive para realizar traduções, e ficou conhecida por traduzir textos de maneira rápida e eficiente. Segundo Wu *et al.* (2016), a Tradução Automática Neural foi recentemente introduzida como uma abordagem promissora com o potencial de resolver muitas das limitações dos sistemas tradicionais de tradução automática.

A Inteligência Artificial (IA) destaca-se como uma ferramenta inovadora na área de tradução automática, principalmente com o desenvolvimento de novos modelos linguísticos, como o ChatGPT, que é uma ferramenta capaz de compreender instruções e produzir respostas detalhadas, combinando diversas habilidades de processamento de linguagem, como tradução, raciocínio lógico e análise dos textos (Ouyang *et al.*, 2022). Sua capacidade de lidar com diferentes idiomas em uma abordagem flexível faz com que seja visto como uma alternativa interessante em relação aos tradutores automáticos mais tradicionais, como o Google Tradutor e o DeepL.

Uma das principais inovações do ChatGPT está em sua habilidade de se adaptar aos diferentes estilos de comandos (*prompts*), o que permite gerar traduções mais adequadas ao contexto solicitado. No entanto, a qualidade desses resultados depende, em grande parte, da maneira como as instruções são elaboradas, o que reforça a importância de um bom direcionamento para alcançar traduções mais precisas (Johnson *et al.*, 2016; Fan *et al.*, 2020).

O uso da inteligência artificial em contextos multilíngues ou com línguas de diferentes origens ainda apresenta desafios, especialmente quanto à variação na precisão e fluidez das traduções. Mesmo assim, esse cenário também abre espaço para inovações e avanços contínuos, ampliando as possibilidades de personalização e melhoria dos sistemas de tradução em contextos diversos e em constante transformação.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Através de uma pesquisa empírica, exploratória e qualitativa, a metodologia consiste em selecionar um capítulo da versão original da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, edição em Língua Portuguesa publicada pela Tipografia Nacional, em 1881. Depois, analisar a partir de trechos selecionados do capítulo, o modo como foi traduzido por Flora Thomson-Deveaux na obra denominada “*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*”, publicada pela Penguin Classics, nos Estados Unidos, em 2020. Após isso, submeter o mesmo capítulo a uma ferramenta de inteligência artificial (ChatGPT Plus) e dar um comando neutro, claro e objetivo, que instrui a IA a realizar a tradução para a língua inglesa do capítulo escolhido da obra de Machado. A partir da tradução gerada, comparar o material com a versão traduzida por Thomson-Deveaux e refletir sobre o papel das traduções geradas pela IA e o papel do tradutor humano.

Os critérios de análise e comparação foram escolhidos baseados na teoria de tradução de Eugene Nida (1964), a partir dos conceitos de equivalência formal e equivalência dinâmica, com o intuito de verificar como cada tradução se comporta em relação às adaptações realizadas e à preservação da forma e conteúdo originais.

O primeiro critério de análise é a fidelidade ao texto original, que consiste em observar o quão fiéis as traduções para a língua inglesa foram à língua de origem da obra, a portuguesa, e indicar qual realizou menos adaptações para a língua de chegada. O segundo critério é a escolha lexical utilizada nas traduções, a partir da análise das escolhas de cada uma, verificar se os significados foram alterados, preservados ou perdidos e se foram preservadas as características da escrita de Machado. O terceiro critério é a estrutura sintática, através da comparação de como as frases das traduções foram organizadas estruturalmente e reorganizadas para adaptação à língua inglesa e suas implicações na fluência do texto. Por fim, o quarto critério é a adaptação cultural, com o intuito de verificar se houve alteração de elementos existentes na obra para a cultura do público-alvo, dentro do capítulo analisado, com o intuito de gerar maior sentido aos leitores e aproximá-los da obra.

Dessa forma, a metodologia proposta tem o intuito de realizar uma análise que contemplará aspectos linguísticos, estruturais e elementos culturais que influenciam o processo tradutório. A escolha dos critérios visa mostrar em que medida cada tradução equilibra a preservação da forma original e as adaptações necessárias à língua de chegada, por isso, pretende-se compreender de forma clara como cada versão lida com os desafios do texto machadiano e quais soluções tradutórias se tornam mais significativas no capítulo analisado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises da tradução de Flora Thomson-DeVeaux (2020) e da tradução produzida pela ferramenta de inteligência artificial ChatGPT Plus foram realizadas em trechos selecionados do Capítulo I de Memórias Póstumas de Brás Cubas e revelaram diversas diferenças entre as versões. O capítulo foi selecionado devido à sua importância estrutural e estilística no conjunto da obra. Desse as primeiras linhas, Machado de Assis rompe com a linearidade convencional ao iniciar o enredo pela morte do protagonista, Brás Cubas, provocando seu tom característico de ironia que percorre todo o romance. Nele, há recursos como metáforas, jogos de linguagem e referências culturais, elementos que podem tornar a tradução desafiadora. Por concentrar, em poucas páginas, elementos marcantes do estilo machadiano, nomes de pessoas e de locais, expressões que não possuem o mesmo efeito em ambos idiomas, entre outras características, esse capítulo mostra-se o ponto de partida ideal para observar como diferentes estratégias tradutórias lidam com o equilíbrio entre fidelidade ao texto original e possíveis adaptações para a língua inglesa.

Vale destacar que a obra de Machado foi originalmente publicada em folhetins, formato que dialogava diretamente com os leitores de sua época. Soma-se a isso a escrita do final do século XIX, marcada por expressões que hoje são consideradas arcaicas, e pela ortografia vigente, diferente da atual. O estilo fragmentado e irônico, aliado ao português daquele período, constitui um desafio adicional para o tradutor, que precisa preservar a estrutura e o caráter inovador do texto sem comprometer a clareza na língua de chegada.

A tradução de Thomson-DeVeaux, publicada em 2020 pela Penguin Classics, destaca-se como uma das versões mais cuidadosas e elogiadas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para o público de língua inglesa. A tradutora não apenas transpôs o texto para outra língua, mas também contextualizou, em determinados momentos, a obra para o leitor contemporâneo, recorrendo a notas de fim que explicam referências históricas, culturais e linguísticas presentes no original. Segundo a revista *IstoÉ* (2020), depois que a obra ganhou destaque através de um vídeo publicado no TikTok, a tradução em inglês de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* chegou ao primeiro lugar na lista de mais vendidos da Amazon, na categoria “Literatura Latino-Americana e Caribenha”. Esse reconhecimento evidencia que a tradução de Thomson-DeVeaux destaca-se tanto pela qualidade literária quanto pela relevância cultural adquirida, dialogando com novos públicos no cenário contemporâneo.

Em paralelo a essa tradução, buscou-se observar como a mesma obra seria traduzida por uma ferramenta de inteligência artificial. Para solicitar a tradução à IA, utilizou-se um comando único, redigido de forma neutra, clara e objetiva, sem orientações estilísticas que pudessem direcionar as escolhas da ferramenta. A simplicidade e a neutralidade do comando foram propostas a fim de que as escolhas lexicais, sintáticas e as adaptações culturais refletissem unicamente o processamento da IA, sem possíveis interferências. No *prompt*, foi anexado um arquivo em PDF que continha a versão original do capítulo selecionado, transcrito previamente para a ferramenta Word. Dado o seguinte comando: “O PDF com o primeiro capítulo do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* está em anexo. Traduza-o para a língua inglesa, preservando todo o conteúdo.”, a ferramenta enviou o conteúdo que gerou e este foi colocado em um novo documento para que pudesse ser feita a sua análise.

A partir desse panorama, a investigação foi conduzida através da comparação dos trechos selecionados do capítulo. A análise revelou um conjunto de diferenças relevantes em quatro eixos fundamentais: fidelidade ao texto original, escolhas lexicais, organização sintática e adaptação cultural. Em cada categoria, é possível observar tanto convergências quanto divergências, mas vê-se que, em geral, a tradução humana possui maior sensibilidade estilística, enquanto a tradução automática prioriza a literalidade e a clareza semântica, por vezes sacrificando recursos retóricos e culturais. Expõem-se, a seguir, os resultados obtidos.

4.1 FIDELIDADE AO TEXTO ORIGINAL

O primeiro aspecto analisado refere-se à forma como cada tradução lida com a proximidade ao texto de Machado. O título “Óbito do autor”, por exemplo, foi traduzido por Thomson-DeVeaux como “*The Demise of the Author*”. A palavra “*demise*” carrega uma marca de registro mais elevado e arcaizante, que se aproxima da conotação de “óbito”, recriando o efeito da escrita de Machado em sua época. A tradução gerada pela IA, em contraste, denomina-se “*The Author’s death*”, escolha que não altera o significado original, mas que é marcada pela simplicidade e pela ausência de nuance estilística. Nesse caso, observa-se que ambas as soluções comunicam a informação central, mas apenas a tradução humana preserva a atmosfera arcaizante de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A mesma dinâmica pode ser percebida em alguns termos como o nome do bairro “Catumby” e o rio “Illyso”, escritos por Machado em grafias datadas do século XIX. Thomson-DeVeaux opta por atualizar a ortografia de “Catumby” para “Catumbi”, adequando-se à grafia atual, e traduz “Illyso” para “Ilissos”, recuperando a origem grega. A IA, por sua vez, mantém “Catumby”, mas emprega a forma latinizada “Ilissus”. Com isso, vê-se que, em geral, a tradução humana adota um critério de atualização, enquanto a automática privilegia a literalidade.

No capítulo, analisa-se também o trecho “[...] mal podia crêr na minha extinção”, formulado por Thomson-DeVeaux como “[...] *could barely credit my extinction*”, que mantém a proposta do tom arcaico, já a IA apresenta “[...] *could hardly believe in my extinction*”, que é mais comum no inglês contemporâneo. Enquanto a primeira escolha contribui para manter o estilo de escrita, a segunda, quando fornecido um *prompt* neutro, aproxima-se de um registro cotidiano, enfraquecendo a densidade estilística. Situação semelhante ocorre com o termo “vinte apólices”, o qual Thomson-DeVeaux traduz como “*twenty bonds*”, preservando a sobriedade do original, mas a IA acrescenta “*government bonds*”, informação não presente no texto-fonte, introduzindo um detalhe que altera a frase e sugere uma especificação indevida, prejudicando o sentido do que é transmitido originalmente.

4.2 ESCOLHAS LEXICAIS

As traduções analisadas apresentam divergências nas escolhas lexicais, especialmente no plano da naturalidade idiomática e da manutenção dos campos semânticos. Observa-se, por exemplo, a distinção entre as escolhas lexicais nas traduções de “minha bella chacara”. No original, “chacara” remete não apenas a uma propriedade

rural, mas a um espaço próximo à ideia de lar. A versão de Thomson-DeVeaux enfatiza esse aspecto afetivo e doméstico ao traduzir para *“my handsome country home”*, ao passo que a IA opta por *“my beautiful country estate”*, que remete apenas a um patrimônio que Brás Cubas possui, o que produz determinada frieza na relação do personagem com o local. Essa diferença de escolha lexical altera a recepção da cena: na tradução humana, o espaço se aproxima do leitor pela noção de intimidade; na automática, a propriedade é apresentada de modo mais frio e afastado.

No trecho “planta, pedra e lodo”, vê-se que nenhuma das soluções em inglês corresponde exatamente ao termo original. Thomson-DeVeaux opta por *“loam”*, termo que, de acordo com o Dicionário Cambridge, significa uma terra de alta qualidade que é uma mistura de areia, argila e material vegetal em decomposição. Já a tradução por IA apresenta *“mud”*, definido pelo mesmo dicionário como terra que foi misturada com água. Ambas as escolhas geram deslocamentos semânticos distintos: a primeira associa a imagem a um solo fértil e cultivável, enquanto a segunda remete a uma lama aquosa, de uso mais cotidiano.

Destaca-se também o termo “correeiro”, que, segundo o dicionário on-line Michaelis, é um fabricante ou vendedor de correias ou de outros objetos de couro. Thomson-DeVeaux traduz o termo como *“currier’s shop”*. “Currier”, segundo o dicionário Collins, é a pessoa que prepara e colore o couro depois de ele ter sido curtido, então, a palavra utilizada pela tradutora condiz com a proposta do termo original. A tradução por IA, ao utilizar *“harness-maker’s shop”*, remete especificamente ao artesão que fabrica arreios, estreitando o campo semântico. Nesse caso, a escolha lexical da tradução humana é mais adequada ao termo histórico, pois preserva a amplitude de correeiro e sua inserção no universo mais geral do trabalho em couro.

4.3 ORGANIZAÇÃO SINTÁTICA

As diferenças observadas na organização sintática de cada tradução apresentam contrastes relevantes entre as duas versões. A partir do trecho em que o narrador afirma “Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prosperos, era solteiro, possuia cerca de tresentos contos...”, a versão de Thomson-DeVeaux é traduzida como *“I had seen some sixty-four robust and prosperous years, I was a bachelor, I had around three hundred milréis...”*. No trecho, nota-se a manutenção da primeira pessoa e da linearidade sintática, o que garante a continuidade da voz narrativa e a coesão discursiva na língua inglesa. Em contraste, a tradução realizada pela IA apresenta *“I was about sixty-four years old, strong and prosperous, unmarried, possessed about three hundred contos...”*. A elipse de sujeito, comum no português, não se transfere naturalmente

ao inglês, e o resultado é uma frase que quebra a idiomaticidade da língua inglesa e reduz a coesão enunciativa. Observa-se então que a escolha da IA evidencia uma tendência à literalidade estrutural, mas ao custo de reduzir a força da primeira pessoa e comprometer a naturalidade da frase em língua de chegada.

Observa-se também um efeito de quiasmo na passagem “eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor”. O original mobiliza uma inversão do nome e do adjetivo, o que cria o paradoxo de que Brás Cubas não se trata de um autor que já morreu, mas de um morto que escreve estas memórias póstumas. Thomson-DeVeaux preserva a simetria formal com “I am not exactly an author recently deceased, but a deceased man recently an author”, reforçando o paralelismo e acrescentando uma nota de fim para esclarecer o recurso ao leitor. A IA, em contraste, traduz como “*I am not precisely a deceased author, but rather a dead man who is an author*”. A introdução da oração relativa “*who is an author*” rompe o paralelismo e transforma a frase em explicação, enfraquecendo o efeito sintático-estilístico. Sendo assim, enquanto a tradução humana reconstrói a forma literária, a IA, com este *prompt*, apenas transmite a informação de modo literal e explicativo.

4.4 ADAPTAÇÃO CULTURAL

No eixo da adaptação cultural, há diversos termos que são alterados para produzir mais sentido para os leitores do idioma de chegada, a língua inglesa. Ao analisar a tradução da metáfora “aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo”, Thomson-DeVeaux a traduz como “*those dark clouds veiling the blue like a mourning band*”. O uso de “*mourning band*” carrega uma referência cultural precisa: a faixa preta utilizada no braço em sinal de luto. Ao fazer esta escolha de palavras, Thomson-DeVeaux garante a compreensão da metáfora ao leitor anglófono, que reconhece de imediato o símbolo do luto. Já a tradução feita pela IA traduziu como “*those dark clouds covering the blue like a funeral crepe*”, solução literal que preserva a palavra “*crepe*”, mas rompe com a naturalidade idiomática do inglês. Em vez de remeter de imediato ao tecido do luto, introduz ambiguidade, pois pode remeter a alimento francês ou a tecido em geral, pois o termo consagrado no campo funerário seria “*crape*”. Assim, observa-se que enquanto a tradução humana mantém a força simbólica e cultural do luto, a automática enfraquece a metáfora ao privilegiar a literalidade.

Destaca-se também o termo “tinhorão”, utilizado por Machado de Assis, que trata-se de uma planta. Esta palavra foi traduzida por Flora como “*caladium*”, nome científico que torna a referência acessível ao leitor estrangeiro. A IA preserva “tinhorão”, mantendo a marca cultural da palavra em língua portuguesa, mas sem oferecer a compreensão de seu significado em língua inglesa, o que dificulta a compreensão do público-alvo.

Por fim, ao analisar a tradução dos termos monetários presentes no capítulo, vê-se que Thomson-DeVeaux opta por traduzir “tresentos contos” como “*three hundred thousand milréis*”, acrescentando uma nota explicativa que fornece ao leitor estrangeiro uma escala aproximada de valor econômico no Brasil oitocentista. Essa estratégia insere o leitor no horizonte histórico-financeiro da época. A tradução realizada pela IA, por sua vez, conserva a formulação literal “*three hundred contos*”. Embora formalmente fiel, essa solução pode acabar esvaziando um pouco a dimensão patrimonial atribuída ao narrador. O contraste evidencia que a adaptação cultural, quando realizada de forma controlada, é um recurso fundamental para a compreensão dos leitores e para a preservação da densidade sociocultural inscrita no idioma original.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como ponto de partida a questão central sobre a capacidade da inteligência artificial de traduzir uma obra literária que exige do tradutor um amplo conhecimento linguístico, sensibilidade estética e cultural, como é o caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. A comparação entre a tradução realizada por Flora Thomson-DeVeaux (2020) e a versão produzida pelo ChatGPT Plus permitiu refletir sobre os limites e as possibilidades de cada abordagem, evidenciando diferenças fundamentais em termos de fidelidade, escolhas lexicais, organização sintática e adaptação cultural.

Ao retomar os objetivos do trabalho, verifica-se que foram alcançados. O protocolo de análise disposto em quatro eixos possibilitou identificar estratégias que caracterizam a prática tradutória humana e a realizada por uma IA. Thomson-DeVeaux mostrou maior atenção à ironia machadiana, ao tom arcaizante e às marcas de estilo que fazem da obra um clássico. Sua tradução preserva paralelismos, metáforas e recursos de linguagem, ao mesmo tempo em que recorre a notas explicativas e adaptações culturais que aproximam o leitor estrangeiro do universo do século XIX brasileiro. A tradução por inteligência artificial, por sua vez, revelou-se eficiente do ponto de vista da fidelidade ao texto original, mas apresentou tendência à literalidade, enfraquecendo efeitos retóricos e, em alguns casos, introduzindo alterações semânticas que distanciam o texto da intenção original.

Esses resultados dialogam com teorias de referência no campo da tradução. A noção de equivalência dinâmica, de Nida (1964), ajuda a compreender a escolha da tradutora humana por recriar efeitos de sentido que vão além da forma. Jakobson (1995), ao destacar a dimensão interpretativa da tradução, permite entender por que a versão

da IA, sem intencionalidade crítica, tende a reduzir-se a uma operação linguística. Já a abordagem funcionalista de Reiss e Vermeer (2014), centrada na finalidade da tradução, ajuda a compreender o papel ativo do tradutor de não apenas transpor palavras, mas criar condições para que referências históricas e culturais façam sentido para o leitor de chegada, garantindo que a obra dialogue com novos públicos.

Comparados com investigações recentes sobre tradução automática (Caseli, 2017; Wu *et al.*, 2016), os achados confirmam avanços e limitações dos sistemas neurais. Embora a IA apresente maior fluência e consistência do que tradutores automáticos tradicionais, sua atuação ainda não alcança a densidade estética exigida por textos literários complexos. Isso reforça a importância do tradutor humano como mediador de sentidos, capaz de lidar com ironias, ambiguidades e referências culturais que escapam a algoritmos.

Reconhecem-se, contudo, as limitações desta pesquisa, pois a análise concentrou-se em apenas um capítulo, limitando a generalização dos resultados; foi utilizado um único modelo de IA e apenas um *prompt* neutro, o que não permite avaliar variações decorrentes de instruções mais específicas. Além disso, não foram incluídos leitores nativos da língua de chegada como avaliadores externos, algo que poderia enriquecer a interpretação dos resultados, mas apesar das limitações descritas, a pesquisa propõe um protocolo de análise comparativa que pode ser replicado em outros estudos, demonstra empiricamente como escolhas humanas e automáticas diferem na tradução de um clássico literário e amplia os debates sobre o papel da inteligência artificial no campo da tradução literária.

Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o corpus analisado, explorando outros capítulos e obras de Machado; comparar diferentes modelos de IA e comandos específicos que busquem simular objetivos tradutórios mais precisos e realizar estudos de recepção com leitores da língua inglesa, de modo a avaliar o impacto efetivo de cada versão. Esses desdobramentos podem oferecer um quadro mais completo sobre como integrar, de maneira crítica e responsável, a inteligência artificial ao processo tradutório.

Em síntese, vê-se que a tradução humana permanece insubstituível na mediação de aspectos estilísticos e culturais de textos literários. A inteligência artificial pode ser utilizada como ferramenta auxiliar, mas ainda não reproduz a sensibilidade estética que caracteriza o trabalho do tradutor. Reafirma-se, assim, que traduzir é um ato interpretativo e cultural, no qual a figura do tradutor humano é essencial para manter viva a complexidade e a singularidade da literatura.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2007.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Cambridge Dictionary**. [S.l.]: Cambridge University Press, [s.d.]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- CASELÌ, Helena de Medeiros. Tradução automática: estratégias e limitações. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 122–142, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37389>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- COLLINS ENGLISH DICTIONARY. Currier. **Collins Dictionary**, Glasgow, [s.d.]. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/currier>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- CORREIRO. In: MICHAELIS. Michaelis **Dicionário** Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/correeiro>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- COSTA, Márcia; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Machado de Assis e o legado da crítica: ao escritor as palavras. **Revista Interfaces**, Guarapuava, v. 9, p. 117–127, 2018. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5209. Acesso em: 3 mar. 2025.
- FAN, Angela *et al.* Beyond English-Centric Multilingual Machine Translation. **arXiv preprint**, [s. l.]. 21 out. 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2010.11125>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução de Sérgio Alcides. Organização de Oliver Stallybrass. Prefácio de Luiz Ruffato. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.
- ISTOÉ. Após sucesso no TikTok, Memórias póstumas de Brás Cubas lidera lista de mais vendidos da Amazon. **IstoÉ**, São Paulo, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/apos-sucesso-no-tiktok-memorias-postumas-de-bras-cubas-lidera-lista-de-mais-vendidos-da-amazon/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- JAKOBSON, Roman. Os aspectos linguísticos da tradução. In: _____. **Linguística e comunicação**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JIAO, Wenxiang; WANG, Wenxuan; HUANG, Jen-tse; WANG, Xing; TU, Zhaopeng. Is ChatGPT a Good Translator? A Preliminary Study. **arXiv**, [s.l.], 2023. Disponível em: https://wxjiao.github.io/downloads/tech_chatgpt_arxiv.pdf. Acesso em: 2 abr. 2025.
- JOHNSON, Melvin *et al.* Google’s multilingual neural machine translation system: Enabling zero-shot translation. **arXiv preprint**, [s. l.], 14 nov. 2016. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1611.04558>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- NIDA, Eugene. **Toward a Science of Translation**. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- OUYANG, Long *et al.* Training language models to follow instructions with human feedback. **arXiv preprint**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2203.02155>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained**. Translated by Christiane Nord. London: Routledge, 2014.

THOMSON-DEVEAUX, Flora (trad.). **The Posthumous Memoirs of Brás Cubas**. New York: Penguin Classics, 2020.

WU, Yonghui *et al.* Google's Neural Machine Translation System: Bridging the Gap between Human and Machine Translation. **arXiv**, [s. l.], 8 out. 2016. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/1609.08144>. Acesso em: 20 mar. 2025.